

não se elevou muito. Concorde com uma produtividade em torno de quatro grãos por um, mas cita algumas variantes, de acordo com regiões mais ou menos férteis da Europa.

No último dos 16 capítulos de seu livro o autor enfoca o declínio e a busca de novos horizontes pela Europa, atribuindo como causas do declínio não apenas a peste negra, mas também as fomes, o clima, e a crescente tributação do século XIV. Entretanto, mesmo concordando com um declínio generalizado, o autor defende que esses “tempos difíceis” caracterizam uma fase de buscas de novos rumos para a Economia Européia e que esses foram realmente encontrados, especialmente pelas viagens portuguesas e espanholas que descortinaram um novo mundo. As rotas tradicionais da Europa — e nelas ressalta a importância das guildas como controladoras da produção, salários e preços — deram lugar à travessia dos Oceanos Atlântico e Índico. Em suma, para o A., os séculos XIV e XV já não são exatamente Idade Média.

WILSON VALENTIM BIASOTTO.

* * *

*

PERROY (Edouard). — *Le Monde Carolingien*, S.E.D.E.S., Paris, 1974, 274 págs.

Apesar da escassez de documentação referente à Europa abrangida pelo império de Carlos Magno, a riqueza de elementos intrínseca às fontes existentes aliada à imaginação e preocupações de historiadores, tanto do século XIX como XX, permitiu se originasse uma razoável massa de escritos àquele respeito. Certamente, o próprio mito Carlos Magno deve ter contribuído para que, consciente ou inconscientemente, fossem concretizadas pesquisas e especulações sobre o personagem e seu tempo.

Desde uma colocação como a de É. Littré (1801-1881) (1), excluindo Carlos Magno dos quadros da chamada Idade Média, até a celeberrima, imaginosa e não mais aceita tese de Henri Pirenne, inúmeros são os “trabalhos de detalhe” no tocante aos tempos carolíngios.

(1). — “Le moyen âge n'a pas créé les conditions sous lesquelles il s'est formé; il les a reçues. Aussi, ce qui seul doit être mis à sa responsabilité, c'est l'usage qu'il en a fait, soit pour les améliorer, s'il les a améliorées, soit pour les empirer, s'il les a empirées. Il succède à la domination des barbares en Occident. J'en fixe le commencement à la chute des Carolingiens; c'est alors qu'il n'y a plus un seul chef germain à la tête des nations romanes; ces nations, redevenues indépendantes, sont gouvernées par des chefs indigènes; c'est aussi l'époque de l'établissement définitif et régulier de la féodalité”. (É. Littré, *Études sur les Barbares et le moyen âge*, Didier et Cie ed., Paris, 1883, 4a. edição, pág. IV).

Diante desta perspectiva, o Prof. E. Perroy, bastante conhecido em nosso meio mormente por sua participação como autor do volume relativo à Idade Média na série História Geral das Civilizações de M. Crouzet, propõe-se a estabelecer um balanço, uma *mise-au point*, no que diz respeito aos séculos VIII e IX da Europa ocidental e central, de acordo com as pesquisas mais recentes.

Acreditamos que ao empregar a terminologia “mundo”, quisesse o Prof. Perroy conciliar uma idéia de unidade e particularidade própria ao período, sem, no entanto, tornar ausente as disparidades quase que obrigatórias, mesmo se levarmos em conta apenas o próprio espaço abrangido por este “mundo”.

Mitos à parte, o trabalho em questão pretende enfocar com base em fontes primárias e comentários os mais recentes os encadeamentos das estruturas econômicas, sociais e por fim das instituições políticas e administrativas, não se fixando nos “acidentes da superestrutura política”.

Partindo geralmente de problemas aventados pela historiografia referente ao período — posições tradicionais e mais recentes —, a obra de Perroy transcorre num tom quase que puramente narrativo e informativo, irremediavelmente preso ao concreto, sem maiores veleidades analíticas ou novas interpretações. Não é raro a solução do problema apresentado estar contida numa opinião já expressa anteriormente por algum outro historiador.

Apesar de seu excelente caráter didático e de estar implícito, ao menos na introdução ao trabalho, que sua posição concentra-se em esclarecer o encadeamento de estruturas, cremos, que o “mundo carolíngio” poderia ter sido concebido de uma maneira mais abrangente, caso fosse Perroy menos apegado ao didatismo. Ou seja, Perroy peca, paradoxalmente talvez, pela virtude da clareza. Seria possível que um esquema de apresentação mais complexo, imaginoso, pudesse conferir ao seu trabalho, com o mesmo material de que dispõe, uma unidade mais corrente, sem compartimentos fechados.

De acordo com seu método, Perroy distribui os elementos de seu estudo em doze capítulos.

Do primeiro ao terceiro, discute os problemas e as fontes para o estudo da economia carolíngia, analisa o regime domínial em sua extensão, formação e desintegração, o seu papel econômico, a complexidade do regime de tenências, desigualdade dos mansos, seu fracionamento, os problemas demográficos do domínio, suas rendas e a utilização destas rendas nos quadros internos e governamentais, estabelecendo sempre uma conexão entre a terra e o homem a ela correspondente. Apesar da economia carolíngia ser caracteristicamente agrícola, Perroy dispensa a um capítulo sobre as atividades de troca praticamente o mesmo número de páginas que dispensara àquele setor, na medida em que focaliza a situação do quadro urbano na época, a situação dos mercadores, das mercadorias, o estado do comércio local, regional e também do grande comércio, bem como o das rotas comerciais e da circulação monetária. Em síntese, podemos dizer, que toda a digressão de Perroy nesta parte do trabalho resume-se num balanço das teses de Pirenne, Dopsch e seus adver-

sários. Deixando a questão em aberto, Perroy apenas encerra esta parte inicial do “mundo carolíngio” retomando alguns enunciados de Cipolla (*Annales*, 1949) que se caracterizam por uma linha de moderação compatível com os seus intuítos.

Numa segunda parte do livro, é enfocada a sociedade carolíngia como uma correspondente da economia agrícola. É discutido também em que medida constituía-se a aristocracia numa força de aceleração das relações de dependência pessoal, assim como o crescimento e a concentração da fortuna fundiária. Sempre com base nos pressupostos econômicos, o A. desenvolve um capítulo sobre a vassalidade carolíngia, seus problemas de origem e sua situação de fato nos séculos IX-X, a questão do *beneficium* e por fim a união deste com a vassalidade, que, após 888, passa a se transformar no feudalismo propriamente dito. Após traçar as linhas estruturais gerais desta sociedade vassálida, Perroy dedica um capítulo especial à ligação entre clero e realza sempre com base, é certo, na perspectiva do domínio territorial. Completando o quadro social oligárquico carolíngio, aparecem “as classes inferiores”, onde as diferenças jurídicas nem sempre correspondiam às diferenciações num plano concreto. Como não poderia deixar de ser, um dos tópicos de discussão nesta parte é justamente aquele da escravidão ou servidão dos não-livres.

Como fecho ao “mundo carolíngio”, o A. coloca que as estruturas políticas e administrativas do Império apresentam menores dificuldades de abordagem que os demais pontos anteriormente tratados. Partindo do “Estado e do Palácio”; passando pelos “quadros locais e regionais” da administração, “o exército e as finanças” até chegar ao seu último capítulo “os meios de controle”, Perroy acaba por discutir o êxito ou não da política de Carlos Magno. Assim, ironicamente, caímos num problema individual, colocado pelo A. da seguinte maneira:

“O verdadeiro problema não é o de saber porque o Império carolíngio se desintegrou, mas por qual jogo de circunstâncias e de ações individuais pode ele se manter bem ou mal durante mais de um século. Trazia ele em si mesmo os germes de uma decrepitude mais rápida do que na realidade aconteceu” (pág. 269).

THEREZA ALINE PEREIRA DE QUEIROZ.

* * *

BADEL (P.Y). — *Introduction à la vie littéraire du Moyen Age*, Bordas, Col. Études, Paris, 1969, 242 páginas (21,5 x 13).

Com data de 1969, a editora Bordas inseriu em sua coleção *Études*, na Secção literária dirigida por Jean Céard, o excelente livro de Badel. No prefácio, o diretor da coleção explica que, como a coleção o exige, o livro se